

# EXCLUSÃO, PODER E IDENTIDADE EM "VIDAS SECAS"

Francisco Alcides do Nascimento\*

## abstract

The author of the text makes a reading of Graciliano Ramos novel entitled "Vidas Secas" in the light of the concepts of *exclusion*, *power* and *identity*. He discusses with the narrator the nation of power having as theoretical background Michel Foucault. The identity is seen as a construction, a process and in is based on Michael Pollack and Peter Burkes texts. Finally, exclusion has a reference the Brazilian reality. The field man's quotidian continues being a portrait of the concentrating character therefore, excluding of the wild capitalist developed here is that Graciliano Ramos was a reader.

Quem de nós brasileiros que passou pelos bancos escolares, com regularidade, não leu o romance, ou pelo menos, trechos de Vidas Secas? Este romance é tido como um dos mais lidos de Graciliano Ramos. Muitos ensaios e críticas foram produzidos tendo-o como referencial: são leituras. Nos propomos fazer mais uma a partir dos conceitos de exclusão, poder e identidade.

O romance Vidas Secas tem os seus personagens marcados pelo meio físico e social. Trata de forma crua um drama que afeta o Nordeste brasileiro periodicamente, deixando um rastro de destruição e miséria. O imaginário dos seus personagens está povoado de

\*Professor do Departamento de Geografia e História da UFPI

Prog. de Mest. em Educ.	Teresina	n. 2	pp. 91-100	1997
-------------------------	----------	------	------------	------

acontecimentos que marcaram suas vidas no sertão. As lembranças são quase sempre de fatos tristes.

Graciliano Ramos é nordestino e como tal viu, ouviu, sentiu, viveu as agruras das secas e o que elas provocam aos moradores atingidos por este fenômeno climático, social e político. Disse e repito, o romancista trata a seca como ela é. Mas será que daria para tratar de forma diferente um fenômeno que provoca miséria, fome e morte tendo a postura política que o velho Graça tinha.

Não creio que Graciliano Ramos sentisse prazer em contemplar a miséria humana como insinua Álvaro Lins (1984: 131). Pelo contrário, sente-se uma certa simpatia do autor por Fabiano e sua família. Parece haver uma identificação do autor com os nordestinos pobres esbulhados pelos proprietários da terra e pelo Estado e jogados na absoluta miséria pela seca.

Através de Fabiano, Graciliano expõe algumas características do sertanejo, como por exemplo, falar pouco. O trabalho do lavrador no cabo de uma foice, machado ou enxada não lhe permite desenvolver a “arte” da conversação. O vaqueiro, no geral, exerce sua profissão sem o contato com outros humanos. Os seus parceiros são o cavalo e o cachorro. Com esses dois Fabiano dialoga, se entende muito bem, o que não ocorre quando “negocia” com os outros humanos.

A escravidão permeia o imaginário do principal personagem de *Vidas Secas* que, neste caso, serve também para demonstrar a desigualdade entre os homens. O narrador coloca o branco de um lado, como o dono das terras, aquele que sabe ler, que apresenta um papel branco e diz que Fabiano lhe deve e, do outro, Fabiano que não entende como trabalha feito um escravo e, no ato de acertar as contas, está devendo ao dono das terras.

Para Lins, *Vidas Secas* apresenta uma perfeita unidade, uma completa harmonia interior. “O drama do primeiro capítulo repete-se no último; e tudo o mais que se encontra entre eles constitui uma matéria de ligação entre os dois episódios semelhantes” (1984:153).

O personagem central do romance é um retirante, expulso do local onde morava pela seca, com a família que se constituía da mulher, dois filhos, a cadela Baleia e até um certo momento da “viagem”, um

papagaio, que “foi comido, afinal, não servia para nada mesmo, nem falar sabia.”

Graciliano dividiu o romance em treze capítulos e a cada um dos personagens principais dedica um que é como um retrato de caracterização, em que o próprio personagem se apresenta ao leitor. No capítulo dedicado à cachorra ela é possuidora de sentimentos humanos, dito de outra forma, Baleia é antropomorfizada.

Diferentemente de São Bernardo e Angústia que são narrados por um personagem, na forma de memória, em Vidas Secas a narrativa é feita na terceira pessoa, com o autor movimentando diretamente os seres de sua criação. É o próprio romancista que é o narrador

Para Jorge Siqueira o romancista escolhe um cenário elucidativo de uma dentre inúmeras situações-limite de vida e morte que marcam a história dos despossuídos nordestinos. “Homens tornados nômades, errantes, trilhando o leito dos rios - eles também ‘secos’ - procurando terra para trabalhar” (Siqueira, 1992:92).

A marcha iniciada com a chegada da seca, transforma a família de Fabiano em fugitivos a própria natureza inóspita do sertão que lhe “roubou” o pedaço de terra onde morava e tenta roubar a vida sua e dos seus.

Graciliano Ramos, homem do seu tempo, profundamente conhecedor das condições sociais, culturais, econômicas e, principalmente, políticas da sua região de origem, não desconhece a gravidade da situação de miséria em que vive secularmente a maioria da população nordestina e, muito especialmente, aquela da região do semi-árido. O cenário das secas, tanto social quanto climático, é histórico e real. “O drama da sobrevivência dos despossuídos-retirantes é uma afronta à vida e, como tal, é suficientemente real para que não se possa representar Fabiano também, como a seca, e tragicamente real.” (Siqueira, 1992:15)

Em todo o romance o narrador procura caracterizar a diferença entre os homens. Esta diferença fica nítida quando o narrador coloca Fabiano se reconhecendo não como um homem, mas como um bicho, um bruto. “Fabiano não fala, ronca”(Ramos, 1984:72). Fabiano é um ser incapaz de viver numa sociedade mais ampla, na cidade, por exemplo.

No ambiente urbano sente-se inferior desconfia de todos porque acredita que cada um com que faça contato quer lhe tirar alguma coisa. Fabiano sente-se bem na fazenda.

O sertanejo é excluído porque não possui a terra para morar e trabalhar; é excluído porque não sabe falar e, por isso, não exerce o direito de ter direito. Assim sendo, não exerce a sua cidadania. Não sabe ler e nem contar e por esta razão sente-se roubada a cada prestação de contas com o patrão. Tudo isto faz com que sintam-se diferentes. Ele não se enxerga no outro. Sente-se mal fora do lugar que sempre viveu, o campo.

Após consultar Sinhá Vitória sobre as contas que devia ajustar com o patrão, Fabiano dirigiu-se à cidade. Como sempre os valores das contas deste não bateram com as do patrão. A explicação dada: eram os juros. O vaqueiro não se conformou. “Passar a vida inteira assim no toco, entregando o que era dele de mão beijada! Estava direito aquilo? Trabalhar como negro e nunca arranjar carta de alforria” (Ramos, 1984: 93). O comportamento “desrespeitoso” de Fabiano provocou o patrão. Este zangou-se, repeliu, o que considerava de insolência e mandou que Fabiano procurasse serviço em outra fazenda. “Aí Fabiano baixou a pancada e amunhecou” (Ramos, 1984:93).

Fabiano quando, por alguma razão, tinha que deslocar-se até a cidade sentia-se desterritorializado. Fabiano é colocado pelo narrador com alguém que não conhece. Não sabe nem falar. Conhecimento aqui é sinônimo de poder. “Sinhá Terta é que tinha uma ponta de língua terrível. Era: falava quase tão bem como as pessoas da cidade. Se ele soubesse falar como Sinhá Terta, procuraria serviço noutra fazenda, haveria de arranjar-se. Não sabia.” (1984:97).

Por ocasião de sua prisão, Fabiano fora provocado pelo soldado amarelo e, ao reagir, xingando a mãe da autoridade, apanhara de facão. Passou uma noite em uma cela. Tudo porque não sabia falar como sinhá Terta ou o seu Tomas de Bolandeira. Para Fabiano o poder estava em algum lugar distante “E por mais que forcejasse, não se convencia de que o soldado amarelo fosse governo. Governo coisa distante e perfeita, não podia errar...”

Afinal para que serviam os soldados amarelos? Deu um pontapé

na parede, gritou enfurecido. Para que serviam os soldados amarelos? Os outros presos remexeram-se, o carcereiro chegou à grade, e Fabiano acalmou-se: Bem, bem não há nada não” (1984:34).

A noção que o narrador tem de poder, como vimos, é aquela onde ele está localizado em algum lugar. Mas se tomarmos a noção de “poder” em Foucault, se poderá dizer, que Fabiano tem poder e o exerce no seu habitat. Conhece e tem o domínio da vida cotidiana. Interpreta sinais da natureza. Esse conhecimento o transforma em herói aos olhos de um de seus filhos.

Na família divide o poder com sinhá Vitória. Mas a sua autoridade não é contestada. Não preciso nem falar, um movimento de cabeça e sinhá Vitória e os filhos já entenderam e tratam de fazer o que lhes é pedido ou deixam de fazer que Fabiano entende que não deve ser feito. Percebe-se que o filho mais novo tem um sentimento misto com relação ao pai, uma mistura de medo e admiração. O patriarcalismo, instituição nascida no seio das elites, permeava a relação familiar de Fabiano.

A decisão de não deixar Baleia sofrer além da conta, sacrificando-a, foi de Fabiano. “Ela também tinha o coração pesado, mas resignava-se naturalmente a decisão de Fabiano era necessária e justa” (Ramos, 1984:86).

Voltando a Foucault, diz ele que poder não é uma instituição nem uma estrutura nem tão pouco uma certa potência de que alguns estariam dotados: é o nome que se dá a uma situação estratégica complexa, numa dada sociedade (Véron, 1980: 199). Dois momentos distintos em *Vidas Secas* exemplificam esta afirmativa: o primeiro é aquele onde Fabiano, na cidade após ter sido pisado pelo soldado amarelo, xingou a mãe deste e foi preso e espancado. Fabiano não entendia a razão das violências as quais foi submetido. “Passou as mãos pelas costas e no peito, sentiu-se moído, os olhos azulados brilharam como olhos de gato. Tinham-no realmente surrado e prendido. Mas era um caso tão esquisito que instantes depois balançava a cabeça, duvidando, apesar das machucaduras” (Ramos, 1984:30). No outro momento, Fabiano encontra com o soldado amarelo, no campo onde sentia-se forte. Podia matar o soldado amarelo. “Tinha medo e repetia que estava

em perigo, mas isto lhe pareceu tão absurdo que se pôs a rir. Medo daquilo? Nunca vira uma pessoa tremer assim. Cachorro. Ele não era dunga na cidade? Não pisava nos pés dos matutos, na feira? Não botava gente na cadeia? Sem-vergonha, mofino.

Irritou-se. Porque seria que aquele safado batia os dentes como um caítu? (...) Sim senhor. Aquilo ganhava dinheiro para maltratar as criaturas inofensivas” (Ramos, 1984: 100/101). Neste encontro de Fabiano e o soldado amarelo quem tem o poder?

Como mostrou-se até aqui, o romance *Vidas Secas* retrata a construção do espaço social sertanejo de forma cruenta, como ele é. Entretanto, Graciliano trabalha também o interior de seus personagens, aliás esta é uma das características dos romances do velho Graça. “... um homem do seu meio físico e social, ao mesmo tempo que um romancista voltado para a introspecção, a análise, os motivos psicológicos”(Lins, 1984: 129).

Para trabalhar identidade empregamos como principal referência Michel Pollak e como ele próprio diz, na forma mais superficial, pois tenho que admitir a falta de mecanismos teóricos para analisar os personagens de *Vidas Secas* através de leituras psicanalíticas. Assim sendo, tomo identidade no sentido da imagem de si, para si e para os outros. Isto é uma imagem que um indivíduo adquire ao longo da vida referente a ele próprio, a imagem que ele constrói e apresenta aos outros e a si próprio, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida pelos outros (Pollak, 1992:204). Eni Orlandi entende identidade como um movimento, tanto no seu modo de funcionamento (entre o eu e o outro) como em sua historicidade (dever, mas também multiplicidade na contemporaneidade, etc.) (Orlandi, 1990 : 46 ), mas como disse anteriormente o principal referencial é Pollak.

Os dois autores citados até aqui tratam da construção da identidade de indivíduos e não de personagens de ficção. Lembre-se que não estamos trabalhando identidade do criador e sim das criaturas. Criou-se um impasse metodológico que foi superado, apostando no novo, ou seja, a análise se dará em cima do personagem Fabiano.

Começa-se com a pergunta: Qual a imagem que Fabiano fazia

de si próprio ? No capítulo destinado a este personagem, o narrador o coloca dizendo para si: “Fabiano, você é um homem...”. Em seguida, tomado de um certo arrependimento: pensando bem, ele não era um homem: era apenas um cabra ocupado em guardar coisas dos outros. “Vermelho queimado, tinha olhos azuis, a barba e cabelos ruivos; não era negro, portanto, mas vivia em terra alheia, cuidava de animais alheios, descobria-se, encolhia-se na presença dos brancos e julgava-se cabra” (Ramos, 1984:18). Fabiano arrepende-se de ter exclamado em voz alta que era um homem. Murmurava: “Você é um bicho, Fabiano” (Ramos, 1984: 18).

O narrador diz que Fabiano chega à fazenda fugindo da seca como um bicho, entocara-se como um bicho e o seu corpo, ao andar, gingava como o de um macaco. Mas o narrador o coloca também como um forte, mas que tem medo, sentimento dos seres humanos. Um forte que sonha conhecer outras terras, gente importante como seu Tomás da Bolandeira. “Estava escondido no mato como um tatu. Duro, lerdo como um tatu. Mas um dia sairia da toca, andaria com a cabeça levantada, seria um homem” (Ramos, 1984:24).

O homem é um ser desejante. Mesmo em condições subumanas é capaz de sonhar. Fabiano não exerce a cidadania porque se vê como alguém que não sabe nem falar. O homem só é capaz de fazer política quando é capaz de empregar a fala. Mas se Fabiano não faz política, sonha e, assim sendo, não perdeu totalmente a cidadania.

“Quem somos depende de quem fomos. No entanto, há uma circularidade importante envolvida aqui, quem pensamos que fomos depende de que pensamos ser: (Burke, 1995: 93). Fabiano foi sempre um cabra, sempre viveu de favor, morando em terras dos outros. A insegurança permeia a vida de Fabiano, tanto pela seca como por depender da vontade de outrem. O patrão zangou-se, repeliu a insolência, mandou o vaqueiro procurar serviço noutra fazenda.

Fabiano não era uma “mosca morta” reagia, quando sentia-se prejudicado ou agredido, mas bastava uma fala contrária ao seu pensamento e ele recuava. “Apesar das tentativas de torná-las rígidas e bem definidas, as identidades, com frequência parecem ser fluídas, frágeis e negociáveis. Elas também apresentam uma especificidade

contextual, no sentido de que as mesmas pessoas mostram-se de maneira diferentes em situações diferentes" ( Burke, 1995:92).

Qual seria o espelho de Fabiano. Percebam que o narrador só coloca um adulto vivendo cotidianamente com Fabiano - Sinhá Vitória. Eles "falam" pouco um com o outro. As referências que o sertanejo tem são de pessoas, que segundo ele, conhecem mais. O nosso herói se espelha numa identidade que não é a sua. A construção da identidade ocorre em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio de negociação direta com os outros.

Nota-se que Fabiano e sua família não conseguiam passar por estas etapas, eles não se enxergavam nos outros. Eles não possuíam o sentimento de ter fronteiras físicas, fronteiras de pertencimento ao corpo de uma pessoa, de pertencimento ao grupo, no caso de um coletivo.

"Agora não podia virar-se: mãos e braços roçavam-lhe o corpo. Lembrou-se da surra que levava e da noite passada na cadeia. A sensação que experimentou não diferia muito da que tinha tido ao ser preso. Era como as mãos e os braços da multidão fossem agarrá-lo, subjugá-lo num canto da parede. Olhou as caras ao redor. Evidentemente as criaturas que se juntavam ali não o viam, mas Fabiano sentia-se rodeado de inimigos, temia envolver-se em questões e acabar mal a noite (...) Comparando-se aos tipos da cidade, Fabiano reconhecia-se inferior. Por isso desconfiava que os outros mangavam dele. fazia-se carrancudo evitava conversas" (Ramos, 1984: 75-76).

Por não saber falar como os moradores da cidade, por não conhecer como Tomás da Bolandeira, Fabiano não se sentia como possuidor de uma continuidade dentro do tempo, no sentido físico da palavra, mas também no sentido moral e psicológico. O pior é que Fabiano acreditava na representação de que era um bicho, um bruto, um cabra.

No ambiente familiar Fabiano era admirado. "Metido nos couros, de perneiras, gibão e guarda-peito era a criatura mais importante do

mundo (...) No chão, despidos os couros, reduzia-se bastante, mas no lombo da égua Alazã era terrível” (Ramos, 1984: 47, 49).

Fabiano não criou identidade com uma cidade, como os italianos criaram com suas cidades, afinal ele estava sempre fugindo da seca. “Da mesma forma que a consciência de identidade é moldada em situações de contato e conflitos, os signos ou emblemas de identidades tornam-se signos somente quando uma outra pessoa tenta eliminá-los” (Burke, 1995: 105). Dito isto de outra forma, Fabiano cria a sua identidade a partir do contato com os habitantes da cidade. “As identidades apóiam-se naquilo que certa vez Freud, em uma expressão famosa, chamou de o narcisismo das pequenas diferenças, exagerando qualquer aspecto que se faz uma comunidade se diferentes da outra” (Burke, 1995:81).

Por fim, o romance *Vidas Secas* é permeado por todo o seu corpo, com preocupações sociológicas. A luta de classes, por exemplo, surge em vários momentos, o que obviamente não foi uma coisa gratuita, mas também não está posto como um sociologismo “barato”. A realidade que serviu de espelho para a construção da obra permite, de forma soberba, que o autor trilhe por este caminho.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. São Paulo, Record, 1984.
- SIQUEIRA, Antonio Jorge. *O direito da fala* (violência e política em *Vidas Secas*). Revista Brasileira de História. São Paulo. V. 12, nº 23/24. Set. 91/ago 92, pp. 91-98.
- VÉRON, Eliseo. *A produção do sentido*. São Paulo, Cultrix/Ed. da Universidade de São Paulo, 1980.
- POLLAK, Michael. *Memória e identidade Social*. Revista Estudos Histórico, Rio de Janeiro, V. 5, nº 10, 1992, p. 200-212.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Terra à vista: discurso do confronto*. São Paulo, Cortez/Ed. Universidade Estadual de Campinas, 1990.
- BURKE, Peter. *A arte da conversação*. São Paulo, Ed. Universidade Estadual Paulista, 1995.